

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CULTURA ESPANHOLA. NOTÍCIA DE ALGUMAS PUBLICAÇÕES RECENTES. CUADERNOS DE ESTUDIOS GALLEGOS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1947 | Número: 57

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Cultura espanhola. Notícia de algumas publicações recentes. Cuadernos de Estudios Gallegos. *Revista de Guimarães*, 57 (3-4) Jul.-Dez. 1947, p. 210-213.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Revista espanhola, um bem elaborado trabalho sobre o tema da medicina popular na região de Monterrey (Orense).

A história da medicina caseira tem merecido especial atenção a muitos estudiosos, tanto espanhóis como portugueses. Entre nós podemos citar Leite de Vasconcelos, Luís de Pina, etc. E' notável a identidade do receituário popular na Galiza e no Minho portugueses, o que não devemos estranhar, dado que a Galiza pode considerar-se, geográfica, étnica e culturalmente um prolongamento da região nortenha do nosso país.

Confirmação flagrante destes paralelos, nos domínios da etnografia e do folclore, nos dá Jesus Taboada, neste seu belo trabalho sobre as crendices populares relativas à saúde e à doença, quando transcreve por exemplo numerosos adágios empregados na região de Monterrey, que são, quase *ipsis verbis*, salvo as diferenças de linguagem, invocados da mesma forma em Portugal. Basta citar alguns dos mais vulgares entre nós e na Galiza: «bexigas e sarampelo três vezes vêm ao pelo» — «com peras vinho bebas, e tanto bebás que nadem as peras» — «mulher doente, mulher para sempre» — «deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer» — «se te doi a barriga, esfrega-a com uma ortiga» — «o mal e o bem ao rosto vêm», etc.

Jesus Taboada afirma-se, cada vez mais e melhor, um seguro, metódico e erudito investigador, no campo da Arqueologia e da Etnografia. E' já hoje um valor positivo e do maior destaque entre a gloriosa falange dos intelectuais e cientistas galegos.

Cuadernos de Estudios Gallegos. Santiago de Compostela. Fascículos VII e VIII de 1947.

Joaquim Lorenzo Fernandez, «Antiguas habitaciones de pastores en la Sierra del Leboreiro».

Florentino López Cuevillas, «Armeria posthallstática del Noroeste hispanico».

O consagrado etnógrafo orensano Joaquín Lorenzo Fernandez descreve-nos neste seu trabalho as ruínas

chamadas *Porcarizas*, constituídas por um conjunto de alicerces de antigas habitações montezinhas, algumas de planta redonda, mas na maioria quadradas, existentes na Serra de Laboreiro, que a oeste de S. Pedro de Bande e Lobeira define a linha fronteira entre Portugal e Galiza.

E' opinião do ilustre investigador que se trata de habitações de antigos agrupamentos de pastores que viviam em plena serra, sendo parte de essas construções os seus refúgios, e outras simples cortelhos de gado. Estes primitivos agrupamentos pastoris remontam talvez à época medieval, posto que em data muito anterior já a Serra tivesse sido habitada, como se depreende dos vestígios de numerosos castros por ali ainda existentes.

A permanência dos pastores nesses abrigos era apenas temporária, aproveitando assim, na época própria, a riqueza vegetal da montanha para alimentarem os rebanhos, e mudando de lugar quando a procura de melhores pastos e a época do ano a isso obrigava. Eram grupos transumantes, sem residência fixa, considerados pela população agrícola e sedentária dos vales como uma casta inferior e desprezível. Ainda hoje, nas regiões portuguesas do Gerês e de Castro Laboreiro se pratica esta transumância. Na nossa Serra da Cabreira existem ruínas com características semelhantes às das *Porcarizas* de Laboreiro que J. Lorenzo nos descreve. Delas nos fala Carlos Teixeira, neste volume da *Revista de Guimarães* (vide pág. 52), se bem que hesitando na origem que a esses restos de choupanas possa ser atribuída.

O Sr. Florentino Cuevillas, a quem a Galiza já deve tantos e tão bem documentados trabalhos de investigação sobre a sua mais antiga história, deu-nos, no Fascículo VIII destes interessantes Cadernos de Estudos Galegos, um valioso artigo sobre as armas de combate, ofensivas e defensivas, utilizadas pelos guerreiros do Noroeste hispânico na época post-hallstática.

Baseia o seu estudo nas *notícias dos antigos historiadores*, nos *dados iconográficos* que chegaram até nós (esculturas de guerreiros galaicos, estampagens do diadema áureo de Rivadeo, figurinhas de bronze, de guerreiros, como as do carro votivo do Museu da Sociedade Martins Sarmento, gravura rupestre do Castelo de Penafiel, e representações emblemáticas cunhadas em certas moedas autónomas, embora não pertencentes a «cecas» do ocidente da Península), e, finalmente, nos *testemunhos arqueológicos*.

As ligeiras notícias escritas sobre a armaria peninsular que se podem colher nos antigos escritores, encontram-se, como se sabe, principalmente em Estrabão, coincidentes, em parte, com os dados que nos facultam as conhecidas estátuas de guerreiros galaicos — escudo redondo de pequenas dimensões e punhal ou espada curta, suspensa de um cinto. Igual testemunho se encontra nas estampagens do célebre diadema de Rivadeo, onde se vêem figuras de guerreiros a cavalo, e outros a pé, alguns destes brandindo as mesmas armas que ostentam as estátuas galaicas, e representados na mesma atitude do guerreiro figurado na gravura rupestre do Monte do Castelo de Penafiel, identificada por Mendes Correia — os dois braços erguidos ao alto, segurando na mão direita o punhal e na esquerda o escudo redondo. Certas moedas autónomas da Península apresentam também no cunho o escudo redondo, ou *caetra*, e a lança, ou talvez o *soliferrum*.

Entre os dados fornecidos directamente pelos achados de armas em escavações arqueológicas, apesar de muito raros no Noroeste, contam-se diversos exemplares, constituídos por alguns punhais de antenas, fragmentos de ferros de lanças ou dardos, e mais raros ainda, uns pequenos machados, aliás de aplicação duvidosa como arma de guerra entre os calaicos.

A estranha raridade do aparecimento de armas no Noroeste, em contraste com a apregoada índole guerreira dos habitantes destas afastadas regiões, qualidade a que os antigos escritores aludem com frequência, é atribuída pelo Sr. Cuevillas à ausência aqui de necrópoles contendo espólios bélicos, que tão abundantes são na zona celtibérica. Finalmente, entre os

elementos mais notáveis que nos tem fornecido a Arqueologia, conta-se o célebre capacete de bronze, aparecido há anos no Monte do Castelo de Lanhoso e publicado por Carlos Teixeira.

Analisa também o ilustre Arqueólogo galego outras peças do armamento galaico mencionadas nos textos antigos, algumas confirmadas pela iconografia, como os capacetes de três cristas, penachos ou cimeiras, a que alude Estrabão (*tres cristas habentes galeae*) e que, de facto, vemos representados nos guerreiros do já referido diadema de Rivadeo. Quanto às alusões dos AA. aos escudos e capacetes feitos de nervuras de couro, ou correias entrelaçadas (*nervis firmatae cassides*), ou às couraças de tecido de linho (*thoraces linei*), não só a arqueologia as não pode confirmar, dado o material pouco duradouro de que essas peças de armamento seriam fabricadas, como nem sequer podemos fazer uma ideia exacta da sua contextura.

Finalmente, Cuevillas procura estabelecer, baseado em considerações de ordem etnológica, a filiação ou ascendência destas espécies bélicas dos guerreiros galaicos, e diferenciar os elementos importados dos que porventura apresentem um carácter indígena e arcaico.

Se bem que o tema do armamento ibérico da Idade do Ferro tenha sido tratado numerosas vezes em estudos de diversos autores, espanhóis, portugueses e de outros países, o trabalho de Cuevillas, mesmo sem trazer grandes novidades, é importantíssimo como obra de sistematização referente ao Noroeste, metódicamente ordenada e perfeitamente documentada, como aliás o são todos os escritos que saem da pena deste consagrado investigador galego.

MÁRIO CARDOZO.